

BRANQUITUDE: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Mariana Barros Cunha (PIBIC/CNPq), Adriana de Fátima Franco (Orientador), e-mail: affranco@uem.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Psicologia Social e Relações Interpessoais

Palavras-chave: Relações raciais; Psicologia; Antirracismo

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar produções bibliográficas sobre os estudos da branquitude nas pesquisas em Psicologia. É recente a discussão que problematiza o papel do branco nas relações raciais. Embora o tema já tenha sido abordado no início do século XX por proeminentes pesquisadores da temática racial, os estudos sobre a branquitude só ganharam verdadeiro destaque a partir dos anos 90, tendo os Estados Unidos como centro da abordagem. No Brasil, apesar do termo branquitude ter sido utilizado pela primeira vez na obra de Gilberto Freyre, é somente a partir dos anos 2000 que o tema passa a ganhar força no cenário acadêmico. A pesquisa em tela configura-se em um estudo bibliográfico. Para sua realização foram desenvolvidas duas etapas. A primeira etapa constituiu na revisão bibliográfica sobre o tema e a segunda em um levantamento de produções científicas acerca do tema, nos últimos anos no Brasil sendo distribuídos na base de dados de 8 periódicos. Em uma leitura sistemática foram encontrados, a princípio, 45 artigos. Após a leitura dos textos foram descartados 29 artigos que não se encaixam aos objetivos da pesquisa, restando 16 artigos. Os resultados apontam que a discussão acerca da branquitude e Psicologia ainda é escassa, entretanto nos artigos encontrados há uma postura pelos autores em acionar os profissionais ativamente de forma política e antirracista.

INTRODUÇÃO

As relações raciais estruturam a sociedade brasileira, a partir dos mais variados significados. Portanto, dado a construção histórica da identidade branca em países colonizados, essa identidade está diretamente associada com significados e identificações do entendimento de supremacia branca (Schucman, 2014). O estudo sobre as relações raciais no Brasil teve seu início relacionado a trabalhos médicos-psicológicos do psiquiatra Raimundo Nina Rodrigues, posteriormente por Arthur Ramos, Heitor Carrilho, entre outras pertencentes a 'Escola Baiana'. A influência desses autores se deu principalmente para classificar quais características eram patologizáveis dessa cultura, de maneira que influenciou diretamente a Psicologia no Brasil (Schucman, Martins, 2017). Do mesmo modo foi teorizado a democracia racial por Gilberto Freyre, sendo a concepção de que no Brasil não há racismo. Dessa maneira, para o estudo sobre a relações raciais avançar, autores abordam sobre a

branquitude, atualmente, constituindo o debate sobre a branquitude, a Psicóloga Cida Bento é uma pesquisadora que caracterizou termos como o pacto narcísico da branquitude, sendo quando sujeitos brancos se veem como norma e distribuem essa lógica entre os seus, um pacto para a proteção do semelhante. Dessa maneira, a pesquisadora Schucman (2014) é “uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos [...] que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (p.84). Retomando o compromisso ético da Psicologia é contra a violência, de maneira que é necessário entender o contexto histórico anterior e o atual, a psicologia precisa defender o indivíduo das violências sociais. A Psicologia tem uma responsabilidade social, compromisso de promover saúde mental e física e que essa não é direcionada apenas para os privilegiados. De maneira que a ciência precisa se atentar em estudar as relações raciais, o processo de branqueamento no Brasil e as pesquisas europeias perpetuaram com os privilégios concretos e significativos aos brancos. É necessário estudar como os brancos continuam reforçando o conceito de raça, se colocando como norma e vendo apenas o outro como racializado, isto é, em uma sociedade onde o racismo é estrutural, e o branco é constituído por uma branquitude, apenas o não branco é o problema (Bento,2002). A ideia da pesquisa se mostrou importante devido a falta de pesquisas sobre a temática, entretanto a alta demanda para o debate sobre racismo, portanto, o objetivo da pesquisa é analisar a produção bibliográfica sobre os estudos acerca da branquitude nas pesquisas em Psicologia

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho tem como caráter teórico-bibliográfico. Segundo Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos. Os bancos de dados online selecionados para a busca foram: Scitific Eletronic Library Online - Scielo, Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual de Saúde – BVS e o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia. Foram utilizados os descritores: branquitude; antirracismo e Psicologia. O material foi selecionado e estudado por meio de resumos, esquemas e sínteses. O texto final foi elaborado a partir da análise do conteúdo dos textos estudados e do levantamento realizado com a finalidade de responder aos objetivos propostos na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 45 artigos distribuídos entre 8 periódicos. Após esse primeiro levantamento, realizamos uma leitura fundamentada em critérios para atender aos objetivos da pesquisa: predominância temática sobre Branquitude ou relações raciais; situar-se na área da psicologia; situar-se na língua português/BR. A partir desses critérios, foram eliminados 29 textos, resultando em 16 textos para análise. Os resultados apontam que as bases teóricas das pesquisas estão fundamentadas em um grupo de autores. Destacamos as seguintes bases, Maria Aparecida Bento e Lia Vainer Schucman estiveram em destaque em 9 textos, sendo

ambas psicólogas brasileiras e pesquisadoras na área das relações raciais. Outros autores que se mostraram relevante, tanto na Psicologia quanto em outras áreas humanas foram: Frantz Fanon, Antônio Guimarães, Kabengele Munanga, Edith Pompeu Piza, Achille Mbembe, Neusa Santos, Lilia Schwarcz e Grada Kilomba. A análise permitiu, ainda, identificar dois grupos. O primeiro totaliza 8 textos e, é caracterizado por pesquisas teóricas/bibliográficas nas quais os pesquisadores realizam uma recapitulação histórica e/ou revisão bibliográfica sobre relações raciais e branquitude como também suas relações com a Psicologia. As pesquisas realizam uma recapitulação histórica sobre a construção da colonização europeia na América Latina, os sentidos e significados da branquitude e a constituição da Psicologia no Brasil e seus atravessamentos com as relações raciais. O segundo grupo totaliza 8 pesquisas de campo/empíricas, que abordam por meio de estudo de caso e entrevistas certos aspectos abordados também nas pesquisas bibliográficas, mostrando características culturais, sociais do momento histórico. Os estudos primam por compreender como a branquitude se apresenta e afeta seu meio e buscam identificar e analisar os sentidos e significados sociais. Como resultado geral é importante salientar que artigos citados, compreendem que a ideia de raça é falsa, construída no século XIX e que se consolidou como marca social, de forma a perpetuar a hierarquização racial.

CONCLUSÕES

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a produção bibliográfica sobre os estudos acerca da branquitude nas pesquisas em Psicologia, buscando compreender a maneira pela qual abordamos a construção do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, para assim compreender a branquitude, Psicologia e racismo. É possível notar a falta de artigos sobre branquitude e relações raciais na Psicologia. Em um pesquisa realizada pela psicóloga social Lia Vainer Schucman (2014) sobre como pessoas brancas se relacionam com raça e racismo, ela pressupõe como hipótese a falta de pesquisas sobre branquitude pela a maioria dos psicólogos serem brancos e não se verem constituintes em um raça, admitem-se como desracializados, sendo assim, expor sobre o assunto terá um custo psicologicamente e social. Debater sobre o papel do branco é colocar em uma posição de culpa mas de responsabilidade, responsabilidade de pesquisar sobre racismo, se colocar em um lugar de escuta e se colocar atento na sociedade. Como podemos constatar, o racismo no Brasil não é algo particular, as estatísticas mostram que é um processo de hierarquização social. Conclui-se que os autores dos artigos encontrados, compreendem como branquitude o lugar de hierarquização, de maneira a manter as desigualdades, sendo assim, a identidade está ligada à significação encontrada durante a vida. Da mesma forma, a cultura brasileira é marcada pela valorização do ideal estético branco-europeu reforçando privilégios raciais para a identidade branca e violência e experiências negativas à identidade negra. A identidade subjetiva e social compõe-se na relação, constrói-se na diferença, e na linguagem. Sendo assim, a linguagem racista que compartilhamos foi constituída em nossa subjetividade, em discursos construídos. Portanto, analisando que branquitude se apresenta na postura profissional, os autores propõem uma

postura anticolonialista para combater o racismo e não ser um instrumento da hierarquização, como atuantes políticos na luta antirracista. As ações profissionais, sendo antirracista ou não, dependerá também como os significados que esses profissionais possuem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Adriana Franco por me auxiliar na condução dessa pesquisa, enriquecendo meus conhecimentos. Agradeço também ao CNPq por me conceder bolsas durante esse período, as quais incentivaram minha dedicação à pesquisa, como também a Universidade Estadual de Maringá pela estrutura para que eu pudesse realizar minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARONE, I.; BENTO, M, A, S. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. **Vozes.**, Petrópolis. 2002. Disponível em: www.scielo.br/j/pusf/a/QgDfZFW7cwkkkpYgTqFWjhQ/. Acesso em: 14 maio 2023.

SCHUCMAN, L, V. Sim, nós somos racistas: estudos psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade.**, São Paulo, p.83-94. 2014. Disponível em: www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt. Acesso em: 14 maio 2023.

SCHUCMAN, L, V.; MARTINS, H,V. Psicologia e o Discurso Racial. **Psicologia: Ciência e Profissão.** 2017. Disponível em: www.scielo.br/j/pcp/a/CFM99XdXn4rxMPVjz5j5shy/abstract/?lang=pt. Acesso em: 14 maio 2023.